



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Eixo 9

Manejo de Agroecossistemas
e Agricultura Orgânica



Projeto RECA (Reflorestamento Econômico Consorciado e Adensado): uma referência em sistemas agroflorestais

Alexsandro Queiroz dos Santos¹, Arnaldo Berkembrock, Jersiane Berkembrock, Jéssica Puhl Croda, Eunice Sordi, Semildo Kaefer, Antônia Alves Costa Vacaro, Manoel Pereira da Silva, Hamilton Condack de Oliveira, Tadeu Silva de Carvalho

¹diretoria.reca@hotmail.com

Tema gerador: Construção do Conhecimento Agroecológico

Apresentação

Essa experiência é vivida pelos pequenos agricultores que participam do Projeto RECA (Reflorestamento Econômico Consorciado e Adensado). O RECA se organiza através da Cooperativa Agropecuária e Florestal (COOPER RECA) e da Associação dos Pequenos Agrossilvicultores.

Contextualização

O Projeto RECA localiza-se no Distrito de Nova Califórnia, em Porto Velho, entre os estados do Acre e Rondônia. A região pertence ao bioma Amazônico, possui a maior parte dos solos do Estado de Rondônia com baixa fertilidade natural e o desmatamento, ocasionado pelas grandes perdas da matéria orgânica e a diminuição da produtividade consequentemente.

Entre 1985 e 1986 iniciou-se uma discussão a respeito de um novo projeto para os produtores da Ponta do Abunã. Sendo assim, um grupo de 86 agricultores oriundos de várias partes do Brasil, principalmente das regiões sul e nordeste, foram assentados em uma demarcação do INCRA, no antigo seringal Santa Clara-RO. Em 1989, eles fundaram, oficialmente, a Associação dos Pequenos Agrossilvicultores do Projeto de Reflorestamento Econômico Consorciado e Adensado (RECA). A ideia principal do projeto era desenvolver um sistema de floresta produtiva que fosse capaz de gerar renda e reflorestar as áreas desmatadas ao mesmo tempo.

Dessa forma, os agricultores uniram-se com os seringueiros (povos antigos da região) e começaram a discutir formas alternativas que propiciassem condições de melhorar a vida de todos e que fosse adaptada ao clima e forma de vida dos povos locais. Jun-tando os conhecimentos de organização e cooperação dos povos vindos das outras regiões com os conhecimentos dos povos da região sobre a floresta, começaram en-



tão a discutir um projeto para a implantação de SAF (Sistemas Agroflorestais), cujas espécies escolhidas foram exatamente, as plantas nativas frutíferas e bem conhecidas da região.

Desenvolvimento da experiência

Inicialmente, os agricultores quando chegaram no estado de Rondônia, tentaram reproduzir na região amazônica a agricultura praticada nas suas regiões de origem. Porém, tendo em vista as diferenças de clima e solo, essa prática não foi bem sucedida e então, os agricultores juntamente com os seringueiros da região, com apoio da Diocese da Igreja Católica de Rio Branco e da Comissão Pastoral da Terra (CPT), criaram o Projeto RECA, na tentativa de cultivar plantas que já fossem adaptadas à região.

Baseando-se numa relação de harmonia com a natureza, os agricultores introduziram nas suas áreas de lavoura branca (como o feijão, arroz, café, milho, cacau) as espécies florestais nativas da Amazônia, com ênfase em três espécies principais: a Pupunha (*Bactris gasipaes*), o Cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*) e a Castanha-do-Brasil (*Bertholletia excelsa* H.B.K.). O Cupuaçu foi a espécie implantada para obter renda através da sua comercialização na cooperativa (COOPER RECA), a Pupunha para a subsistência da família e para propiciar o sombreamento e melhores condições de desenvolvimento para o Cupuaçu e a Castanha-do-Brasil com a finalidade de reflorestar e proteger o meio ambiente.

Contudo, é importante destacar, que foi através da experiência e sabedoria dos moradores locais e com o sistema associativista dos agricultores da região sul do país, os produtores perceberam que era preciso plantar diferentes árvores próximas, ou seja, consorciadas, como na floresta, para manter a fertilidade do solo e ter mais opções de renda. Ao observarem a natureza perceberam que as próprias árvores poderiam servir de sombra para eles durante o manejo e para a plantação, bastando para tanto cultivá-las próximas umas das outras - o que caracteriza o termo adensadas.

Vale ressaltar, que os SAF implantados foram diversificados ao longo do tempo e as práticas adotadas diariamente constituíam os princípios da agroecologia, uma vez que cada família possuía inicialmente sua composteira, com a utilização de esterco bovino e o manejo das áreas era realizado através dos mutirões de limpeza que contavam com a contribuição dos membros do grupo ao qual o agricultor dono da área manejada pertencia.

Diante disso, atualmente, o Projeto RECA possui 250 famílias associadas, sendo destas 160 homens e 90 mulheres, uma vez que destes cerca de 25 são jovens. Os associados são divididos em 10 grupos, sendo eles: Pioneiros I, II e III, Cascalho, Baixa



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Eixo 9

Manejo de Agroecossistemas
e Agricultura Orgânica



Verde, Eletrônica, BR, Linha 5, Linha 6 e Linha 12. Esses grupos têm sua formação e composição definidas geralmente com base na proximidade das propriedades dos associados. Os integrantes dos grupos se reúnem mensalmente, em geral durante a primeira semana do mês, para trocar ideias, acompanhar a produção, o andamento das atividades do projeto, discutir as demandas do grupo e buscar formas de supri-las, entre diversos assuntos. Para facilitar a gestão e a tomada de decisões, cada grupo escolhe entre seus membros um coordenador, um líder e uma representante das mulheres. Os coordenadores indicados por cada grupo compõem a diretoria do Projeto RECA, juntamente com o coordenador presidente e vice-presidente.

Desafios

Cabe destacar, que entre os principais desafios enfrentados pelos agricultores do Projeto RECA nos primeiros anos de criação, estão às demarcações realizadas pelo INCRA naquela época, completamente diferentes dos tradicionais assentamentos que hoje são realizados pelo Brasil. As terras eram simplesmente demarcadas e entregues às famílias as quais não recebiam mais nenhum tipo de apoio e ainda por cima eram pressionados a derrubarem a floresta (50%).

Sendo assim, os agricultores assentados ficaram em uma condição muito difícil, sem apoio e com um ataque de malária constante. Iniciaram seus trabalhos de desbravar as terras e logo também perceberam que as terras da região amazônica não eram como no sul ou sudeste, que aguentava o sol e ao serviço de tombamento. Outras dificuldades constituem-se na falta de estrutura para o escoamento da produção do campo para a cooperativa, tendo em vista a inexistência de estradas, o transporte por sua vez era realizado com a utilização de carroças, bovinos e bicicletas. Um grande desafio foi à chegada da energia elétrica na cidade, uma vez que a produção ficava comprometida em virtude da escassez de recursos disponíveis.

Vale salientar, que os desafios citados acima, foram superados através da persistência e coragem dos agricultores, como o próprio agricultor Semildo Kaefer relata: - “Foi com muito trabalho e resistência. Muitos desistiram, mas é preciso criar raiz.”

Nos dias de hoje, os principais desafios caracterizam-se pelo fortalecimento da produção orgânica e agroecológica, uma vez que no Projeto RECA também existe a produção convencional realizada pelos associados, cuja transição dessas propriedades é o maior desafio vivenciado.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Eixo 9

Manejo de Agroecossistemas
e Agricultura Orgânica



Principais Resultados alcançados

O Projeto RECA é considerado uma experiência exitosa de produção com conservação ambiental. A proposta de utilizar a floresta como fonte geradora de renda, consorciando cultivos agrossilvícolas nos chamados SAF (Sistemas Agroflorestais), aliado a seu modelo de gestão participativo, reflete na melhoria na qualidade de vida dos agricultores.

A atual estrutura do Projeto RECA é constituída de 4 agroindústrias: 1 de palmito de Pupunha em conserva, 1 de polpas de frutas, 1 de óleos vegetais e 1 de beneficiamento de sementes de Pupunha. Diante disso, na agroindústria de polpas de frutas, o Cupuaçu é o produto trabalhado em maior escala, seguido do Açaí, Maracujá, Abacaxi, Acerola, Bacaba, entre outros de menor escala. Já na agroindústria de óleos vegetais, trabalha-se com a extração e o beneficiamento de óleos de Cupuaçu, Castanha-do-Brasil e Andiroba, utilizados como matéria prima para a indústria cosmética, cujo principal produto comercializado é a manteiga do Cupuaçu. Na agroindústria de palmito de Pupunha em conserva, são beneficiados em média três mil hastes de pupunha por dia. Essas hastes do palmito são divididas em pedaços, dando origem a diversos beneficiamentos de acordo com as possibilidades da própria matéria-prima. As hastes mais voluptuosas dão origem aos toletes, as medianas ao palmito em banda e os menores pedaços formam as rodela e o palmito picado. E, por fim, a agroindústria de beneficiamento de sementes de Pupunha, cuja finalidade é o tratamento dessas sementes para a comercialização para outros estados.

Na produção, o Projeto RECA já superou mais de um milhão de quilos de frutos em uma safra, mais de 350 toneladas de polpa de Cupuaçu, 100 toneladas de sementes secas e fermentadas, 40 toneladas de manteiga de Cupuaçu, 31.500 latas de Castanha, 50 toneladas de óleo de Castanha, mais de 256.500 hastes de Pupunha, cerca de 113 toneladas de Palmito beneficiado, 186 toneladas de polpa e 320 toneladas do fruto de Açaí e também comercializou-se em torno de 30 toneladas de sementes de Pupunha.

Vale ressaltar que nos plantios de SAF, trabalha-se com mais de 20 diferentes espécies frutíferas e madeireiras, como também medicinais. E destas outras espécies, algumas já estão iniciando a produção: tais como a Bacaba, Andiroba, Copaíba, Rambotã, Seringa e outros. Em nível de produção também se realiza em pequenas quantidades mel, doces, geleias e licores.

Outro grande resultado é a obtenção do selo de produção orgânica adquirido pela Certificação por Auditoria do IBD (Instituto Biodinâmico de Desenvolvimento Rural). O Projeto RECA, possui um grupo de produtores orgânicos responsáveis pelo Sistema de Controle Interno (SCI) para o acompanhamento da produção, que juntamente com



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Eixo 9

Manejo de Agroecossistemas
e Agricultura Orgânica



os demais produtores orgânicos e agroecológicos se reúnem em reuniões bimestrais para discutir tanto as questões produtivas quanto organizacionais. Atualmente, não são todos os produtores associados ao Projeto RECA que fazem parte do grupo dos produtores orgânicos e agroecológicos, mas espera-se aumentar o número de participantes através do incentivo à transição agroecológica e do resgate do conhecimento tradicional com a adoção de práticas alternativas que propiciem uma produção mais sustentável e saudável.

Disseminação da experiência

Diariamente o Projeto RECA recebe visitantes de todas as partes do mundo, incluindo outras organizações sociais, cooperativas e empresas nacionais e internacionais, estudantes universitários, estagiários e residentes, que apostam que experiências como o Projeto RECA apresentam-se como alternativas possíveis de desenvolvimento rural sustentável e geração de renda com respeito aos recursos naturais.

Ao longo dos 28 anos da criação do Projeto RECA são possíveis identificar várias mudanças tanto na Associação e Cooperativa, quanto no Distrito de Nova Califórnia. A prova disso é a repercussão do projeto, que hoje é uma das experiências de gestão participativa e preservação ambiental através dos SAF, mais bem sucedidas e premiadas do Brasil. Tais características resultam, principalmente, de seu modelo de gestão que serve de inspiração para muitas outras comunidades; de sua técnica agrícola fundamentada na floresta produtiva, que é uma forma exemplar de atividade econômica no meio da Amazônia; e por último, mas não menos importante, da história dessas famílias que demonstram para todos a importância da união, da família e da perseverança acima de tudo. Os efeitos da atuação do projeto são notáveis em seus beneficiários: aumento do nível de renda, criação de um forte sentimento comunitário, cultura sustentável de conservação da floresta como fonte de renda, proporcionando o desenvolvimento local.

Para finalizar, vale destacar a Missão seguida pelo Projeto RECA, uma vez que está é o que este representa: “Ser uma organização social, produtiva e de base familiar comunitária, referência pelo seu jeito de caminhar solidário que promove a sustentabilidade e o bem viver respeitando a sociobiodiversidade da Amazônia. Contribuindo para uma sociedade mais humana e justa”.

“- Eu sou um agricultor, e assino embaixo: com MUITO ORGULHO!” (Semildo Kaefer, sócio fundador do RECA e agricultor há quase 40 anos).

“- Eu dificulto ainda mais, digo que sou um agrossilvicultor!” (Arnoldo Berkembrock, sócio fundador do RECA e agricultor há quase 50 anos).



“- Cresci acompanhando o desenvolvimento do RECA, e hoje estou realizando o sonho de estar fazendo parte dessa instituição tão importante para os agricultores e agricultoras da pequena Nova Califórnia.” (Jersiane Berkembrock, filha de sócio fundador e responsável pela certificação orgânica).



Sistema Agroflorestal do Projeto RECA com 25 anos.



Grupo da Certificação Orgânica e Agroecológica.

Agradecimentos

Ao Projeto de Residência Agroflorestal, tendo em vista que esse é uma parceria entre a Universidade Federal de Rondônia (Unir), Campus de Rolim de Moura e conta com os apoios da Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário (Sead), secretaria que também atua na formação de técnicos de Ater e atualmente financia o projeto residência e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), executor financeiro.